

A abordagem da obra de Platão

Expositor: Marcos Reis Pinheiro

Introdução

O resumo que enviei primeiramente à ANPOF tratava da evolução da noção de Idéia ou Forma nas três fases de Platão: a inicial, a fase intermediária e a fase da velhice. Naquela época, eu gostaria, como parte de minha pesquisa de doutorado, deixar bem claro como aparecem as formulações da noção de Forma nas já consagradas três fases da obra de Platão. Escolhi, portanto, alguns diálogos de cada fase, diálogos estes que eu já tinha algum contato, e fiz um pequeno projeto de pesquisa.

No decorrer do trabalho, no entanto, me deparei com uma pressuposição importantíssima que minha pesquisa levianamente aceitava como natural: a de que a obra de Platão pode ser assim, tão facilmente, dividida em três grandes fases. Em realidade, caros amigos, o que me aconteceu foi a explicitação de uma questão antiquíssima: a de "como ler os diálogos de Platão". Pois tal ordenação contemporânea da obra platônica trata indiretamente também com a seguinte questão: onde está Platão nos seus diálogos?

Comecei então a pesquisar onde exatamente nasceu a nossa divisão da obra de Platão em três fases. O livro principal que me esclareceu este assunto foi o livro de Charles Kahn, *Plato and the Socratic Dialogue* de 1996. Pesquisan-

Cadernos de Atas da ANPOF, nº 1, 2001.

do também em Diógenes Laertios descobri outras formas de catalogar e ler os diálogos que devem ser ressaltadas pelo menos pelo seu valor histórico.

Acabei por não fazer exatamente o que prometi no resumo, pois o estudo do modo de abordar a obra platônica já toma o devido tempo da comunicação.

O meu Doutorado em Geral

Para melhor situar o presente estudo da abordagem da obra platônica e da noção de Idéia nos diálogos iniciais gostaria de expor de um modo geral a minha tese de doutorado. Ela pretende apresentar a importância dos trechos míticos e cênicos para a efetiva compreensão da noção de Forma Platão. Analisando os trechos onde Platão utiliza mitos para responder suas questões e também os trechos que descrevem os personagens e a situação cênica, pretendo mostrar como há ali importantes indicações do modo como devemos compreender a noção de Idéia, que é o cerne de sua ontologia. Para fundamentar tal leitura dos diálogos, há uma importante parte da tese que apresenta o processo de compreensão de uma ontologia como se dando através de uma 'experiência vital'. Tal termo remete à necessidade de elementos emocionais em uma compreensão efetiva e total de uma teoria sobre a realidade. Nenhuma teoria sobre a realidade pode ser efetivamente compreendida se não for também vivida de alguma forma, se não entrar em contato com as estruturas primordiais do homem em sua relação cotidiana com essa própria realidade.

Juntamente com Nussbaum, acredito que a filosofia de Platão é uma contraposição a Tragédia e Épica gregas. A linguagem natural grega, onde as questões essenciais da vida humana são travadas, é a da poesia. Assim, os diálogos de Platão não são cênicos e míticos pois ainda não são suficientemente racionais ou apenas como uma forma do vulgo os compreender. Há uma necessidade intrínseca à filosofia platônica para que os diálogos sejam diálogos. Isto se dá pois tanto a tragédia como a filosofia de Platão são fundados em uma psicagogia, isto é, uma condução da alma a uma certa compreensão. Tal compreensão, por ser uma compreensão psicagógica, isto é, que conduz a alma como um

todo, não pode ser apenas racional, mas todas as três partes da alma apresentadas na *República* devem estar engajadas no questionamento.

Os textos principais que ilustram e fundamentam esta parte são o *Fedro* e a *Carta VII* de Platão, onde a partir de uma crítica da forma escrita da filosofia, Platão expõe a necessidade de uma palavra viva e que respira e que seja inscrita na alma do aprendiz para que haja compreensão verdadeira.

Para chegar ao ponto de investigar detidamente as passagens míticas e cênicas na obra de Platão que fundamentam sua noção de Idéia, achei importante levantar detalhadamente os argumentos racionais onde tal noção se apresentam. Daí o antigo título da presente comunicação.

A Abordagem da Obra de Platão

A obra de Platão oferece um problema adicional frente a maioria dos textos filosóficos. Nela não está explícita nem qual a posição do autor nem a sua intenção tanto na composição da obra como um todo quanto em cada passagem em particular. A questão aqui é uma antiquíssima: "Como ler os diálogos de Platão?"

Em primeiro lugar, abordando a questão em sua máxima radicalidade, não podemos perder de vista a liberdade que o homem deve ter com tudo que a tradição nos deixou. Dos diálogos de Platão podemos fazer qualquer coisa que gere riqueza espiritual: desde encenações teatrais e pinturas, divagações pessoais e resoluções de problemas íntimos, tratados escolásticos e teológicos até teses de doutorado e comentários acadêmicos. Assim, a intenção do leitor é a primeira coisa que deve estar presente quando questionamos o modo de abordagem à obra de Platão.

No entanto, podemos levar mais adiante essa prioridade da intenção. Cada homem vive submerso em uma estrutura histórica, isto é, cultural e social. Cada época histórica vive direcionada por seus valores, por seu modo de ver o mundo. Assim, além da intenção explícita do leitor, temos uma 'moldura' implícita e desconhecida que condiciona a leitura tanto de Platão quanto de qualquer obra¹. No entanto, a possibilidade de tal estrutura ser consciente já é um tema

¹ Em muitas áreas do saber humano tal primado da 'compreensão de mundo' frente a qualquer empresa humana já é muito estudado. Tanto na *Antropologia* com o conceito de

muito vasto para ser estudado aqui. Apenas acredito ser necessário lembrar que o problema da impossibilidade da objetividade pura deve estar presente caso queiramos com rigor fazer uma abordagem legítima da obra de Platão.

Frente a uma abordagem que leva em conta a intenção e a estrutura histórica que moldam qualquer estudo de Platão temos uma outra abordagem, aquela que investiga qual seria a real organização de sua obra². Nos parece, a primeira vista, que tal impulso objetivo por aquilo que o próprio Platão queria com seus diálogos retira todas as características subjetivas frente ao seu estudo. Mas, como já dissemos, com Platão tal pretensão de objetividade de sua obra se torna um grande problema, pois não está explícita no corpo da obra qual seria exatamente sua posição ou sua intenção ao escrevê-la³. Será que nos seria legítimo pensar que tal assunto não era de grande importância na visão de Platão, e que a própria tentativa de encontrar a ordem e a intenção objetiva de Platão seria já tira-lo de seu contexto próprio? Deixando essa possibilidade em aberto, pensemos nas seguintes questões que são até hoje investigadas.

O que Platão poderia querer escrevendo seus diálogos? Queria ele apresentar à Grécia as suas conclusões quanto às questões que ele discutia? Tinha ele algum objetivo pedagógico de educar a Grécia? Queria ele enaltecer seu mestre, apresentando suas incríveis habilidades? Queria apenas se divertir, compondo obras artístico-filosóficas? Ou queria apenas compor obras que refrescassem a memória daqueles que já tinham aprendido com ele, oralmente, suas doutrinas? Sócrates é o único expoente das doutrinas de Platão? Ou são seus interlocutores também importantes, quanto ao conteúdo, na sua obra?⁴

'etnocentrismo' quanto na *Filosofia* com os estudos de Nietzsche e Heidegger, quanto na *História* com a idéia de que todo historiador também está fazendo história, encontramos presente tal primado da estrutura histórica do homem.

² Uma não sendo incompatível com a outra.

³ Aqui poderíamos excetuar dois trechos, no *Fedro* 275e e na *Carta VII* 341b, onde em ambos Platão se refere diretamente a que serve a escrita. No entanto, não pretendo aqui explorar essas passagens. Vale salientar que mesmo estas não são entre si compatíveis, já que temos diferentes visões da linguagem.

⁴ Charles Kahn (1996) apresenta um nome muito interessante quanto ao problema da opinião de Platão no conjunto de sua obra. Aponta ele para o fato de que alguns comentaristas cometem a 'falácia da transparência', admitindo ser fácil e simples encontrar a posição de Platão em seus diálogos.

Esses problemas realmente merecem um estudo mais aprofundado que não será feito aqui. Quero apenas fazer um trabalho mais descritivo, apresentando como a tradição tem tratado essa questão da correta abordagem da obra de Platão.

Diógenes Laercio, doxógrafo do século III de nossa era, apresenta uma forma de dividir a obra platônica. Diz ele⁵ que os diálogos de Platão são divididos primeiro em obras 1. Instrutivas (ὕφηγητικός) e outras que são 2. Investigantes (ζητητικός). As primeiras seriam as obras de Platão que expõe doutrinas positivas, as segundas seriam apenas obras para a prática dos métodos corretos de investigação. Quanto às primeiras, teríamos ainda duas divisões: em 1.1 Teórico e 1.2 Prático. Teríamos também outras subdivisões, sendo que o Teórico seria dividido em 1.11 Físico e 1.12 Lógico, enquanto os Práticos seriam divididos em 1.21 Éticos e 1.22 Políticos. A Segunda parte seria subdividida também duas vezes. Primeiro teríamos os 2.1 Exercícios mentais e as 2.2 Disputas. Dentro dos Exercícios teríamos a 2.11 Maieutica e o 2.12 Tentativo, e quanto às disputas teríamos o 2.21 Probativo e o 2.22 Refutativo.

Diógenes ainda diz que é comum em sua época a divisão dos diálogos em Dramáticos, Narrativos e Mistos, no entanto afirma que tal divisão se encaixa melhor com obras de teatro do que com obras filosóficas.

Outra divisão que parece ser bem aceita na época de Diógenes é a que Trasilus faz. Diz ele que Platão publicou sua obra em tetralogias. Platão assim o fez por ser uma publicação que se comparava com as tragédias, que eram sempre representadas em número de 3 com um drama satírico por fim. Aqui, aparece como que a filosofia foi desde seu nascimento comparada e confrontada com outras manifestações culturais.

Ainda na antigüidade, Aristófanes, o gramático, teria dividido a obra em trilogias.

Quanto a ordem em que Platão teria feito os diálogos, já na época de Diógenes havia grandes controvérsias.

Contemporaneamente, teríamos duas tendências básicas quanto a abordagem da obra platônica. Desde o início do século XIX teríamos a visão de um

⁵ LAERTIUS, Diogenes. *Lives of Eminent Philosophers*. Vol. 1, London: Harvard University Press, 1995, p 230

desenvolvimento na obra de Platão e uma visão unitária. Um expoente desta última visão é Schleiermacher⁶ que afirma que as diferenças nos diálogos devem ser compreendidas pelas necessidades literárias ou pedagógicas. As diferentes conclusões dos diferentes diálogos levariam o leitor a níveis mais profundos da questão levantada. Representantes da visão unitárias seriam von Arnim, Shorey, Jaegger, Friedländer e a escola de Tübingen.

Já a visão evolucionista de Platão afirma que ele teria mudado de opinião no decorrer de sua vida. Karl Friedrich Herman no início do século passado teria sido o primeiro a reconhecer uma fase 'Socrática' na obra de Platão, dizendo que tal fase seria a inicial de sua obra. Esta visão ganhou força com os estudos estilísticos da obra de Platão do meio para o fim do século passado. Começando com Lewis Campbell em 1867 com sua publicação do *Sofista* e do *Político*, ao fim do século tal estudo estilístico já dividia a obra de Platão em 3 fases.

Dois estudiosos iniciaram independentemente as pesquisas estilísticas da obra de Platão: Lewis Campbell e Friedrich Blass. Antes da estilometria começar o seu trabalho esses dois já haviam chegado, por vias diferentes, a conclusões parecidíssimas sobre a cronologia da obra de Platão. Em 1867 Campbell publica uma edição do *Sofista* e do *Político* onde ele percebe um assombroso número de semelhanças literárias e estilísticas destes com o *Filebo*, *Timeu*, *Crítias* e *Leis*. A este grupo, Campbell chamou de grupo tardio. Ainda nessa linha de pesquisa, ele descobriu muitos traços semelhantes de dicção e de estrutura de sentenças entre o *Teeteto*, o *Fedro* e a *República*. Assim, estes foram considerados diálogos intermediários. Durante este tempo, Blass também encontra em seus estudos uma divisão muito parecida. Com a vinda da estilometria, especialmente empregada por Dittenberger e Constantin Ritter, o que acima de tudo é confirmado é a divisão da obra de Platão em 3 grupos estilísticos, na grande maioria os mesmos que tanto Campbell e Blass já haviam apontado⁷.

⁶ Cf. KAHN, C. H. *Plato and the Socratic Dialogue*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996, p. 38

⁷ Kahn aponta que Lutoslawski (1897) é o primeiro a apresentar todos esses estudos juntos. Lutoslawski enfatiza, dramaticamente o fato de todos esses estudiosos terem trabalhado sem saber dos estudos dos outros.